

---

**Jornalistas do Vale do Paraíba:  
um estudo sobre o perfil do profissional em redação**

**Journalists from Vale do Paraíba:  
a study on the profile of the professional in newsroom**

Leonardo Augusto Moraes do CARMO<sup>3</sup>  
Kátia Zanvettor FERREIRA<sup>4</sup>

**RESUMO**

Este artigo tem como finalidade apresentar o perfil dos jornalistas de redação da região do Vale do Paraíba com ênfase na divulgação científica. A pesquisa traz resultados preliminares de um trabalho de iniciação científica em andamento, que tem apoio pela CNPq, por meio da bolsa Pibic. Como percurso metodológico, foram aplicados questionários a jornalistas de diferentes veículos de comunicação da região. Concluímos que a maioria dos profissionais trabalharam ou tem conhecimento sobre jornalismo científico, porém o espaço para a editoria ciência na imprensa regional é pequena, dificultando a divulgação científica para a população local.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornalismo Científico; Perfil dos Jornalistas; Vale do Paraíba; Imprensa; Divulgação Científica.

**ABSTRACT**

This article aims to present the profile of newsroom journalists from the Vale do Paraíba region. The research brings preliminary results of an ongoing scientific initiation work, which is supported by CNPq, through the Pibic scholarship. A questionnaire was applied as a methodology, obtaining 22 responses from journalists. We conclude that the majority of professionals worked or have knowledge about scientific journalism, but the space for science editorial in the regional press is small, making it difficult to disseminate science to the local population.

**KEYWORDS:** Scientific Journalism; Profile of Journalists; Vale do Paraíba; Press; Scientific Divulagation.

---

<sup>3</sup> Estudante do 5º semestre do curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade do Vale do Paraíba (Univap) e pesquisador do Grupo de Pesquisa e Estudo em Comunicação (Labcom-Univap); e-mail: [leonardo.amc@outlook.com](mailto:leonardo.amc@outlook.com)

<sup>4</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade do Vale da Paraíba (Univap). Coordenadora do Grupo de Pesquisa e Estudo em Comunicação (Labcom-Univap), e-mail: [katia.zanvettor@gmail.com](mailto:katia.zanvettor@gmail.com)

---

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa apresenta um estudo sobre o perfil dos jornalistas em redação na região do Vale do Paraíba, estado de São Paulo. O levantamento em questão é resultado preliminar de um projeto de pesquisa de iniciação científica em comunicação que tem como objetivo final analisar de que forma a ciência está presente na imprensa regional, visto que na região do Vale do Paraíba se concentram inúmeras instituições de pesquisa e desenvolvimento. Este projeto tem apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), que intitula-se “Imprensa e CT&I no Vale do Paraíba: divulgação científica nos veículos comunicacionais local”, desenvolvido pelo Laboratório de Pesquisas em Comunicação, da Universidade do Vale do Paraíba (LabCom-Univap).

Para compreender se a Ciência, Tecnologia e Inovação (CT&I) estão inseridas na imprensa da região do Vale do Paraíba, ou de que maneira ela está sendo transmitida, buscamos investigar se os profissionais de redação já tiveram algum tipo de contato com o jornalismo científico no processo de formação inicial e continuada.

A autora Zamboni (2001), atribui o conceito de difusão científica a Bueno (1984), que aponta um gênero que se ramifica em divulgação científica, disseminação científica e jornalismo científico. Por divulgação científica entende-se o compartilhamento do conhecimento científico, como em aulas de ciência, livros didáticos, folhetos. Nele cabe também o jornalismo científico, pelo seu papel de divulgador por meio da comunicação. A disseminação científica é a circulação de informações por especialistas através de revistas especializadas para os profissionais, ou seja, a difusão as informações de forma restrita ao campo científico (ZAMBONI, 2001).

Ainda para Zamboni (2001, p. 34), apesar do processo evolutivo do conhecimento científico com base em publicações e reuniões, isto é, “anunciar resultados, ouvir críticas, submeter a julgamentos”, os discursos científicos estão em ambientes restritos ligados a profissionais que conversam com intrapares. “O discurso científico tem sua circulação restrita a um domínio sociocultural que se circunscreve a instituições e indivíduos previamente autorizados” (ZAMBONI, 2001, p. 40).

---

Nesta pesquisa, buscamos analisar o perfil do jornalista em redação e compreender não apenas a proximidade dele com a ciência, mas também quem são estes profissionais de imprensa e como estão inseridos profissionalmente nas redações do Vale do Paraíba.

O jornalista de ciência que faz o jornalismo científico pode ser um agente facilitador na construção da cidadania, isto é, divulgar o desenvolvimento da CT&I que está ligado às atividades socioeconômicas e políticas de um país e à melhoria da qualidade de vida (OLIVEIRA, 2002, p. 13-15).

## **METODOLOGIA**

Iniciamos esta pesquisa com um levantamento bibliográfico sobre a divulgação científica e o jornalismo científico. Os materiais utilizados como referencial metodológico foram os livros *Cientistas, Jornalistas e a Divulgação Científica*, da autora Lilian Márcia Simões Zamboni (2001), *Jornalismo Científico*, de Fabíola de Oliveira (2002), e *Ciência e Público: caminhos da divulgação científica no Brasil*, de Castro Moreira e Luisa Massarini (2002).

Após o levantamento bibliográfico, pesquisamos as redações da região que fazem a área de cobertura jornalística em todo o Vale do Paraíba, a fim de obter resultados mais precisos sobre o perfil dos jornalistas para, posteriormente, compreender suas percepções em relação a CT&I. Assim, construímos um questionário com o objetivo de analisar o perfil e o currículo destes profissionais com ênfase final no segmento da ciência.

Os critérios de execução do questionário tiveram como referência os tópicos da Pesquisa “Quem é o jornalista brasileiro? Perfil da profissão no país”<sup>5</sup>, realizada em 2012 com mais de 2.713 jornalistas brasileiros, que buscou traçar um panorama profissional: idade, sexo, etnia, formação, qualidade de trabalho, salário, meio de comunicação em que trabalham. Estas

---

<sup>5</sup> A pesquisa foi realizada pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em convênio com a Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ) e recebeu apoio do Fórum Nacional de Professores de Jornalismo (FNPI) e da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor).

---

questões nos guiaram a produzir o um questionário próprio no contexto regional com encaminhamento para o segmento da ciência.

O questionário foi desenvolvido na plataforma *Google Forms* e contou com 22 perguntas separadas em três categorias. Para aplicação e execução do questionário, a fim coletar o maior número possível de jornalistas em redação, primeiro foi necessário um contato por telefone com as redações para encaminhar os questionários, seja por e-mail ou telefone. Os dados coletados são de jornalistas que atuam nas redações dos seguintes veículos de comunicação: *O Vale* (portal de notícias e jornal impresso), *G1 Vale do Paraíba e Região* (portal de notícias), *Meon* (Portal de Notícias), *Vanguarda Tv* (emissora afiliada da Rede Globo), *Record Tv Vale* (emissora afiliada da Rede Record), *Tv Band Vale*. O processo de execução de aplicação e retorno dos jornalistas compreendeu os meses de novembro de 2019 a janeiro de 2020.

Iniciamos apurando quem são os jornalistas a partir de questões como gênero, faixa etária, etnia, relacionamento, núcleo familiar. Logo depois passamos a investigar a maneira como os profissionais estão inseridos no mercado de comunicação da região, a fim de analisar formação acadêmica, experiência profissional, atuação, faixa salarial, carga horária e contrato de trabalho. No encerramento do questionário levantamos perguntas sobre ciência e seu envolvimento na área de comunicação, e as relações entre jornalistas e assessores de imprensa das instituições de pesquisa e desenvolvimento localizadas no Vale do Paraíba.

Após a aplicação dos questionários, analisamos os dados e organizamos os resultados de acordo com três categorias: perfil do jornalista em redação – identificação dos profissionais; o currículo e mercado de trabalho – informações sobre a formação acadêmica e a experiência profissional; e ciência na imprensa regional – dados a respeito da produção do jornalismo científico na região.

## **RESULTADOS**

Neste primeiro momento, apresentaremos os resultados do perfil do jornalista em redação do Vale do Paraíba. Ao total, 22 jornalistas responderam ao questionário da pesquisa.

---

Deste número, percebemos que houve igualdade de gênero, já que metade dos jornalistas se declaram do sexo feminino e a outra metade do sexo masculino.

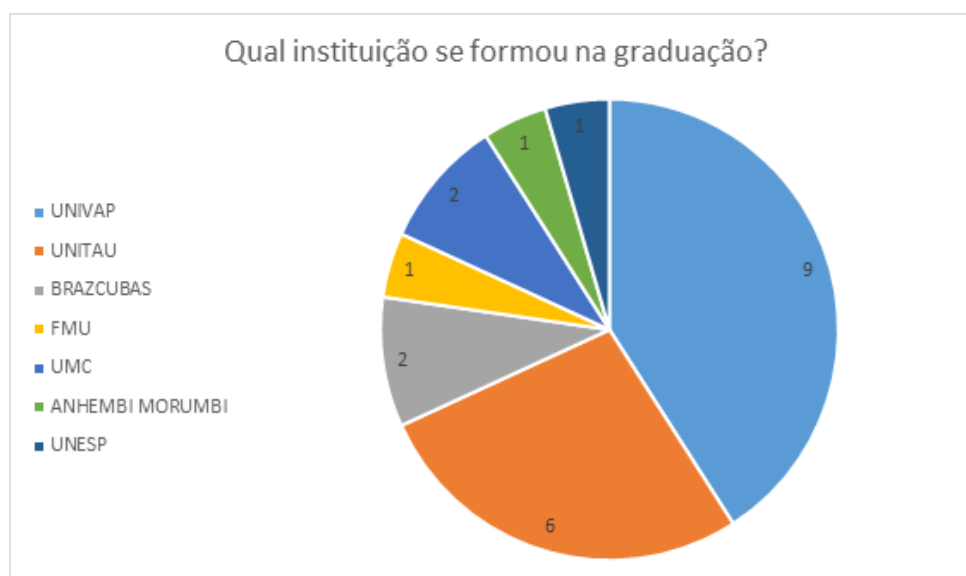
A faixa etária que apresentou maior número de jornalistas no Vale do Paraíba foi de 18 a 25 anos, representando 22,7%, seguindo dos 13,6% daqueles que têm entre 26 a 30 anos, 31 a 35 anos, 36 a 40 anos e, por fim, 41 a 45 anos. É possível deduzir que há um crescimento de jornalistas mais jovens em redação e uma igualdade entre aqueles que têm de 26 a 45 anos.

Existe uma predominância quanto a etnia, visto que 81,8% disseram ser brancos, 13,6% pardos e 4,5% preta. Ainda que o questionário tenha inseridos as opções amarela e indígena, não obtivemos nenhuma resposta. Este dado revela uma tendência homogênea nas redações, ainda que 81,8% represente 18 jornalistas dos 22 que responderam o questionário.

As duas próximas respostas apresentam dados referentes ao aspecto familiar, como relacionamento e núcleo familiar. Na questão sobre relacionamento, deixamos as opções: solteiro, casado, separado, viúvo, união estável, e outros. 40,9% dos entrevistados se declararam casados, 36,4% solteiros, 9,1% separados, e 4,5% em união estável, noivo e viúvo. 31,8% dos entrevistados possuem filhos, e os 68,2% não possuem.

No segundo momento dos resultados, apresentaremos os resultados sobre currículo profissional e mercado de trabalho. Em relação a formação, 63,6% possuem graduação e 36,4% especialização. Entre as instituições de ensino que aparecem no levantamento realizado, majoritariamente a Universidade do Vale do Paraíba (UNIVAP) foi a instituição que mais formou jornalistas, seguido da Universidade de Taubaté (UNITAU). Abaixo, o gráfico 1 apresenta o resultado.

Gráfico 1: Instituições que formaram jornalistas da região

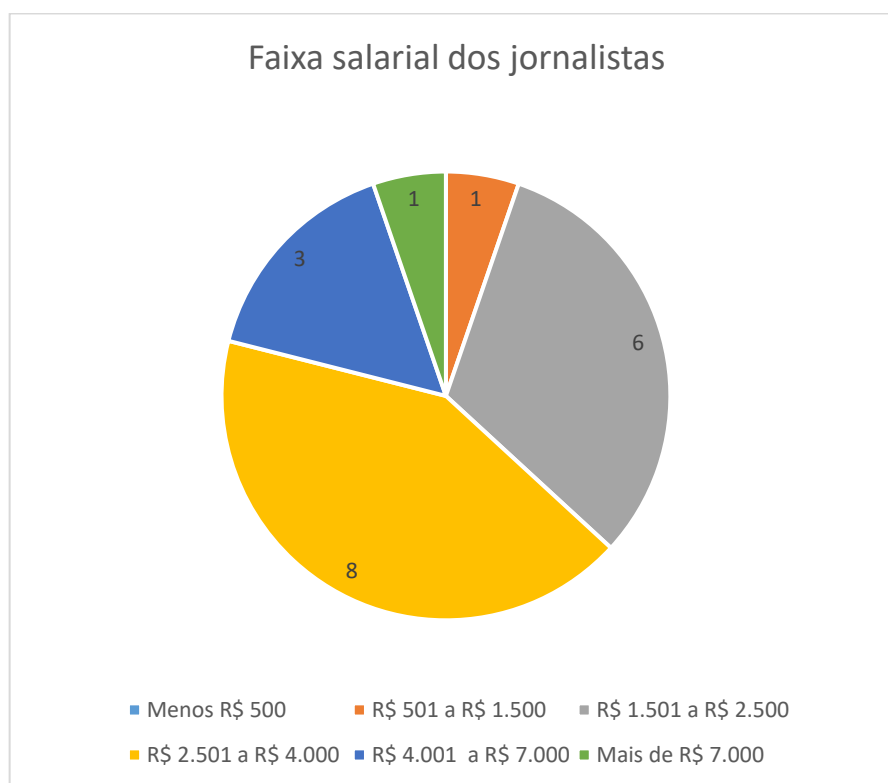


Fonte: elaborado pelos autores (as) (2020).

Sobre a especialização, somente seis jornalistas têm esta titulação: três jornalistas pela Universidade de Taubaté (UNITAU), dois pela Universidade do Vale do Paraíba (UNIVAP), e um pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Estes dados revelam que a maioria dos jornalistas não possuem especialização, o que pode deixar a profissão da região do Vale do Paraíba mais vulnerável na produção de temas que exigem uma produção de conteúdo mais especializada, como acontece em pautas de ciência.

Em relação ao contrato de trabalho, 63,6% são contratados pelo regime celetista e 36,4% trabalham como Pessoa Jurídica (PJ). Sobre a faixa salarial, deixamos a questão em aberto para aqueles que se sentissem confortável em responder. Dos 22 jornalistas, 20 responderam esta questão. Observamos que 40% dos profissionais recebem uma faixa salarial de R\$2.501 a R\$4.000, como mostra o gráfico 2.

Gráfico 2: Faixa salarial de jornalistas em redação



Fonte: elaborado pelos autores (as) (2020).

A segunda faixa salarial que predominou refere-se a renda de R\$1.501 a R\$2.500. Outros 15% dos jornalistas tem remuneração de R\$4.501 a R\$7.000, em seguida dos 10% representa os profissionais que recebem salário superior a R\$7.000. Apenas 5% dos profissionais têm salário dentro de R\$500 a R\$1.500.

Perguntamos também se durante a graduação exerceram estágio e em qual lugar. Como resultado, foram revelados diversos veículos de comunicação como: jornal impresso, rádio, canais de televisão, Tv universitária, Tv Câmara, revistas, assessoria, laboratório universitário, *freelancer* e prefeituras. Ainda questionamos se exercem a profissão de jornalismo no veículo em que trabalham ou migraram para outra área de comunicação. 21 jornalistas responderam que trabalham na área de formação e apenas um com publicidade. Sobre as funções no jornalismo, foram detectados: apresentador (a) de telejornal, produtor (a), diretor e âncora de telejornal, editor (texto e projetos), repórter e pauteiro.

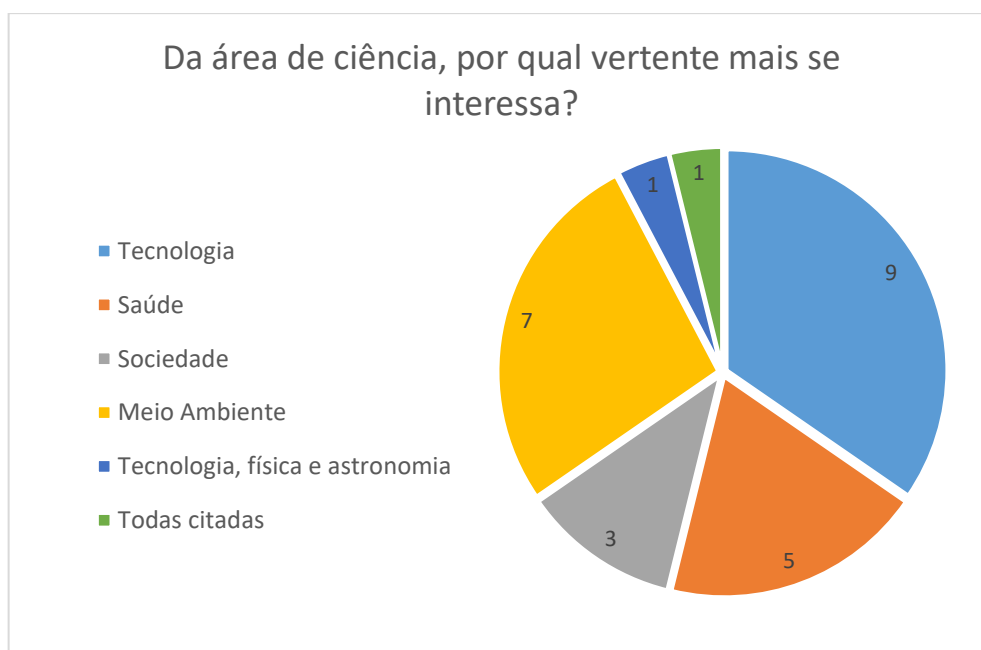
Em relação a carga horária, 54,5% dos entrevistados, ou seja, mais que a metade, declararam trabalhar entre 8 a 12 horas. 36,4% representa os profissionais que trabalham de 5 a 8 horas, e 9,1% menos de 5 horas. Nenhum dos entrevistados trabalha mais de 12 horas.

Após estas análises, partimos para as questões sobre o segmento da ciência na imprensa regional, a fim de compreender o cenário da CT&I na experiência acadêmica e profissional dos jornalistas em redação, a partir da análise sobre a proximidade destes profissionais com o segmento.

Perguntamos se durante sua formação tiveram contato com o jornalismo científico. 72,7% responderam sim e 27,3% não. Na questão seguinte, deixamos um espaço em aberto para os jornalistas expressarem se sentiram a necessidade da disciplina na grade curricular. Das seis pessoas que responderam, cinco disseram que sentiram falta da disciplina. Conclui-se que existe a presença da ciência no currículo acadêmico de comunicação, porém, 27,3%, ou seja, seis pessoas, disseram que não teve contato com o segmento.

Na experiência profissional, 59,1% responderam já ter coberto conteúdo em ciência e 40,9% não. Logo, perguntamos por qual vertente da área de ciência mais se interessam, como mostra o gráfico abaixo.

Gráfico 3: Vertentes de ciência que os jornalistas mais se interessam





---

Fonte: elaborado pelos autores (as) (2020).

A fim de examinarmos a relação entre a ciência e o veículo de comunicação onde trabalham, perguntamos se os profissionais acreditam que o público do veículo se interessa por ciência. 77,3% responderam que sim, e 22,7% dos jornalistas apontaram que não. Além disso, perguntamos se existe editorias de ciência no veículo. 86,4% responderam que não existe e 13,6%, declararam que sim.

Considerando que a Região do Vale do Paraíba possui inúmeras instituições de pesquisa, ciência, tecnologia e inovação, questionamos como é a relação entre os jornalistas e os assessores de imprensa destas instituições no processo de difusão de CT&I.

Iniciamos perguntando se as assessorias de imprensa colaboram para o desenvolvimento de conteúdo aos jornalistas, isto é, divulgar os resultados realizados. 63,6% declaram que sim, e 36,4% responderam que não. Na questão seguinte, abrimos um espaço para que pudessem relatar se há falhas das assessorias para a divulgação científica. A maioria das respostas apontam falhas no trabalho das assessorias, como a falta de divulgação científica, aproximação do tema com o público do veículo, linguagem técnica em excesso, difícil contato e pouca comunicação.

No que se refere ao contato com cientistas, 54,5% dos jornalistas declaram pouco contato e 18,2 % ter contato, mas com difícil acesso. O restante diz ter contato, entretanto, a comunicação ainda é problemática. Para finalizar, perguntamos se consideram a produção de conteúdo em ciência relevante para a sociedade e 100% dos entrevistados consideram que sim.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Considerando a formação acadêmica dos jornalistas do Vale do Paraíba, observamos que majoritariamente estes profissionais possuem apenas graduação e grande parte se formaram em universidades localizadas no Vale do Paraíba, como a Univap e a Unitau.

Os profissionais declararam ter algum contato com o jornalismo científico durante a experiência acadêmica e profissional, entretanto, na análise dos dados foi constatado que em mais da metade dos veículos de comunicação onde trabalham não existe editoria para o

---

segmento, ou seja, consideramos que podem existir outros fatores que corrompem a divulgação científica.

Desse modo, a pesquisa apontou que os jornalistas, em sua maioria, não consideram as atividades da assessoria de imprensa como colaboradora na propagação de informações sobre ciência e tecnologia produzida pelas instituições de pesquisa e desenvolvimento da Região do Vale do Paraíba. Além de abordarem também o relacionamento dos cientistas, como entrevistas muito técnicas que dificultam o trabalho da divulgação científica para o público regional.

## **REFERÊNCIAS**

FENAJ. **Quem é o jornalista brasileiro?** Federação Nacional dos Jornalistas, 2012. Disponível em: <https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2016/01/pesquisa-perfil-jornalista-brasileiro.pdf>. Acesso em: 01 nov. 2019.

MOREIRA, I. C.; MASSARANI, L. **Ciência e Público: caminhos da divulgação científica no Brasil.** Rio de Janeiro: Casa da Ciência/UFRJ. 2002.

OLIVEIRA, Fabíola. **Jornalismo Científico.** São Paulo, SP: Contexto, 2002.

ZAMBONI, Lilian M. S. **Cientistas, jornalistas e a divulgação científica.** Campinas, SP: Autores Associados, 2001.